

5 Uma pequena fenda na muralha

Em baixa-mar e preia-mar a vida agita-se como um grande oceano.
Mar sempre diferente – mar rebelde, mudo a todos os rogos
de quem o deseja pântano.
Alves Redol, *Marés*.

Retomaremos a epígrafe desta tese, que trouxe os versos do escritor e poeta neo-realista Carlos de Oliveira, para dar sequência às possíveis conclusões. O poema chama-se “Instante” e compõe o livro *Sobre o lado esquerdo*, publicado em 1968. Entre os versos, a sugestão de que o encontro com os “efeitos de presença” de um poema seja efêmero como uma chama, uma presença e um impacto “fulgurando apenas um momento”, o instante do equilíbrio da beleza antes que seja espalhado pelo vento.

Esta coluna
de sílabas mais firmes,
esta chama
no vértice das dunas
fulgurando
apenas um momento,
este equilíbrio tão perto da beleza,
este poema
anterior
ao vento.¹

No que diz respeito às considerações sobre a palavra-pele, vale destacar ainda que uma ideia semelhante habita também o ambiente de auto-reflexão literária de Carlos de Oliveira, autor cujo nome, diferente do que acontece com Alves Redol, costuma exemplificar as expressões de extrema qualidade estética dentro do movimento. Segundo Carlos de Oliveira, “o amor das palavras vivas, incisivas, o aprofundamento dos meios de expressão, é o dever mais elementar do romancista, do poeta”.²

¹ Oliveira, C. *Sobre o lado esquerdo*. In: *Obras completas*.

² Oliveira, C. de, “Almanaque literário”. In: *Aprendiz de Feiticeiro – Obras completas*, p. 470.

Nota-se, entre os vocábulos apresentados pelo poeta para justificar a forma do escritor usar as palavras, a menção à vivacidade, à atuação que elas devem ter na esfera do contato; “palavras incisivas”, aponta Carlos de Oliveira.

De acordo com ele,

o nosso ofício consiste em escolher as palavras, utilizá-las no momento exacto, atenuá-las, engrandecê-las, dominá-las. E o que são as palavras? Língua, linguagem, povo, oralidade, escrita, herança literária. A reestruturação da técnica narrativa ou poética tem de conhecer até ao pormenor a matéria de que se serve.³

A exposição delineada até aqui buscou destacar essas características também na técnica narrativa de Alves Redol, a fim de dissociá-la de uma ideia comum a respeito da sua escrita: “da sua coluna de sílabas mais firmes” não apresentar, mesmo que por um momento, “este equilíbrio tão perto da beleza”.

No final da argumentação, definimos esse momento de encontro com a superfície da expressão literária de Alves Redol como “efeitos de presença”, considerando a possibilidade de ressaltá-los nas leituras para atuarem sobre a sensibilidade e o entendimento, de modo a provocar desassossego, tensão e ação, e não somente interpretações distanciadas da experiência de leitura. De modo geral, buscamos o encontro com a especificidade da narrativa e da linguagem usada pelo autor.

No entanto, lembrando um alerta de Gumbrecht,

para nós, os fenômenos de presença não podem deixar de ser efêmeros, não podem deixar de ser aquilo que chamo “efeitos de presença”; numa cultura que é predominantemente uma cultura de sentido, só podemos encontrar esses efeitos. Para nós, os fenômenos de presença surgem sempre como “efeitos de presença” porque estão necessariamente rodeados de, embrulhados em, e talvez até mediados por nuvens e almofadas de sentido.⁴

Ainda de acordo com as reflexões propostas por Susan Sontag e Gumbrecht, como temos um vocabulário inapropriado para pensar nos textos para além dos efeitos de sentido, ficou faltando analisar (a palavra é inadequada, pois vem carregada de sentido) os efeitos de presença de cada romance de Alves Redol. Para

³ Oliveira, C. de, “Almanaque literário”. In: *Aprendiz de Feiticeiro – Obras Completas*, p. 468.

⁴ Gumbrecht, H. U. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*, p. 135.

além do que mostram nas suas dimensões de profundidade, vale pensar sobre o que os romances podem ser capazes de revelar enquanto efeitos de presença.

Assim, foram trazidos para o centro da exposição argumentativa alguns romances do autor, a saber, *Olhos de água*, *Anúncio*, *A barca dos sete lemes*, *O muro branco*, *Marés*, *Avieiros*, *Uma fenda na muralha*, *Fanga* e *Gaibéus*, não de modo separado e deslocado da argumentação teórica que se foi construindo, mas por entre ela.

Apesar de o presente estudo ter partido da leitura dos romances do autor, não foram incluídas nessa pesquisa análises detalhadas de todos eles. O motivo deve-se, primeiramente, à falta de argumentos para seleção de um corpus, uma vez que buscamos nos afastar das separações correntes sobre a obra. Assim, não seria possível definir um corpus específico para estudo uma vez que o conjunto das obras não se apresenta subordinado a separações muito rigorosas. Desse modo, foi privilegiada a apreciação de alguns romances na sua afinidade com as questões que estavam sendo levantadas.

Em segundo lugar, é importante ressaltar que uma análise detalhada dos romances, tendo como base principal a identificação e interpretação dos conteúdos, não estaria adequada à nova proposta de leitura que foi levantada aqui.

De acordo com Susan Sontag, “valiosa seria a crítica que fornecesse uma descrição realmente cuidadosa, aguda, carinhosa da aparência da obra de arte”.⁵ Buscamos trazer, na medida do possível, tal apreciação nos comentários que foram suscitados a respeito de alguns livros de Alves Redol. Vale lembrar, porém, que

O desejo de presença, que invoquei, é uma reação a um mundo cotidiano amplamente cartesiano e historicamente específico que, pelo menos às vezes, queremos ultrapassar. Por isso, não é surpreendente nem embaraçoso que nesse contexto – ou seja, na situação histórica em que vivemos – as ferramentas conceituais com que procuramos analisar os vestígios desse desejo de presença, num ambiente carregado de sentido, também sejam orientadas em parte pelo sentido e em parte pela presença.⁶

Fica, assim, o compromisso acerca da possibilidade de ampliar tal perspectiva de apropriação dos textos a partir dos “efeitos de presença” que a leitura dos romances pela superfície da expressão poderia ser capaz de evidenciar. Para os fins da presente pesquisa, pretendemos apenas indicar alguns caminhos possíveis para

⁵ Sontag, S. *Against Interpretation*. (tradução minha)

⁶ Gumbrecht, H. U. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*, p. 140.

tal apreciação através dos poucos exemplos de leitura apresentados por esta pesquisadora ao longo dos capítulos. Como o foco principal era refletir sobre uma possibilidade de mudança no paradigma de investigação literária acerca dos romances de Alves Redol, não foi possível incluir aqui novas possibilidades de leitura acerca de todos os romances do autor. Porém, vale lembrar que tal estudo já se encontra em andamento.

A presente pesquisa buscou trazer a lume a revisão da obra de António Alves Redol a fim de contribuir para o alargamento das discussões acerca do neo-realismo em Portugal, tendo em vista que a literatura de Redol é parte integrante e constituinte da história do neo-realismo. Desse modo, pensamos ter sido possível colaborar significativamente para a expansão e o alargamento dos estudos sobre o neo-realismo, “esse outro eterno desconhecido...”⁷

Inicialmente a exposição argumentativa acerca do movimento foi feita de dentro, a partir do seu próprio eixo, com o levantamento de pontos de vista de intelectuais à época da manifestação do Movimento. Com isso, foi possível observar a sua heterogeneidade congênita não só em relação à base teórica inicial, mas também em relação às práticas estéticas que foram manifestadas da perspectiva da invenção (lembrando o texto de Joaquim Namorado no qual nomeia o neo-realismo em Portugal⁸) e da experiência (retomando a postura de Alves Redol diante das possibilidades de expressão do neo-realismo⁹).

Da obra de Redol, foi então evidenciado um corpus tendo em vista a estreita relação do escritor com os debates e perspectivas a respeito das teorizações acerca do neo-realismo em geral, uma vez que o nome e a imagem de Alves Redol tornou-se símbolo dessa geração. Para a realização do presente estudo, foram destacadas as entrevistas, os prefácios e alguns romances do autor. Porém, diante da grande quantidade de textos literários produzidos por Alves Redol, não foi possível incluir todos eles na presente pesquisa. Dessa forma, ainda há muitos caminhos de investigação a serem percorridos no que tange a obra desse escritor, especialmente

⁷ Dionísio, M. “Neutrelidade ou intervenção”. In: *Entrevistas (1945-1991)*, p. 75. Originalmente o texto foi publicado em *Arteopinião*, N. 2, Janeiro de 1979.

⁸ Namorado, J. “Do neo-realismo. Amando Fontes”. In: *Obras. Ensaios e críticas I – uma poética da cultura*.

⁹ Redol, A. “Breve memória para os que têm menos de 40 anos ou para quantos já esqueceram o que aconteceu em 1939”. In: *Gaibéus*.

no que diz respeito à sua produção teatral, aos seus contos e à sua literatura infanto-juvenil.

Mais uma vez de volta ao começo das nossas reflexões, este trabalho não poderia se encerrar sem retornar às palavras de um amigo acerca de Alves Redol. Lembremos, por fim, um precioso comentário de José Cardoso Pires.

Na exposição apresentada em “Uma incomodidade deliberada”, Cardoso Pires inclui a narrativa de um interessante episódio vivido no contato com Alves Redol. Num dia em que fora à casa do amigo António, Cardoso Pires o encontra sentado à sua mesa de trabalho.

“Escrevo com a primavera.” Disse-me ele a rir certo dia em que o fui encontrar à secretária rodeado de papéis. E apontou para um gráfico de trabalho afixado na parede com o movimento dos personagens: “Só tenho paciência para me entender com esta tropa quando não sinto o frio lá fora nem a chuva a apoquentar-me.

Em resumo, esta tese buscou refletir sobre os efeitos de se *escrever com a primavera*.